

## AS PRINCIPAIS DIFICULDADES ENFRENTADAS POR ESTUDANTES INDÍGENAS E QUILOMBOLAS: RELATO DE EXPERIÊNCIA

MARIA ELOISA OLIVEIRA COSTA<sup>1</sup>; MAIARA RODRIGUES<sup>2</sup>; <sup>3</sup>REJANE BACHINI  
JOUGLARD

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – meloisacosta1@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – Mayarrarodrigues74@gmail.com

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas- rbjouglard@ufpel.edu.br

### 1. INTRODUÇÃO

O acesso ao ensino superior representa um marco na vida de muitos estudantes, pois possibilita oportunidades que podem vir a modificar aspectos sociais, econômicos, culturais e ambientais do ser (BERNARDINO-COSTA,2023). Muitas são as dificuldades enfrentadas após a entrada à universidade, como a organização dos estudos, fragilidades advindas de um histórico escolar que prejudicam novos aprendizados, dificuldade de interagir socialmente, entre outros.

Para os acadêmicos indígenas e quilombolas as dificuldades são ainda mais agravadas quando adicionamos histórias de fragilidades, que muitas vezes são provocadas por situações de descriminalização e marginalização consequentes de preconceitos raciais, étnicos, religiosos, de gênero, e outros. Com isso, pode-se dizer que, para além do conhecimento, estes estudantes necessitam de acolhimento e acompanhamento pedagógico, pois a vontade de aprender muitas das vezes não supera tamanhas dificuldades que estes vêm a enfrentar diante à academia (PINHEIRO,2022; DA SILVA; DA SILVA GUERRA,2021). A democratização do acesso à universidade vai muito além da disponibilidade de acesso as vagas para estes estudantes, uma vez que há a necessidade de se ter um olhar para as dificuldades que os mesmos enfrentam em relação ao choque cultural, espacial e linguístico estando inseridos em um novo ambiente.

A partir disso, nota-se que há a necessidade de assegurar melhores condições de acolhimento, permanência, equidade e desenvolvimento acadêmico para estes estudantes, uma vez que, além das demandas de ensino necessitam de adaptação à vida universitária e de aprendizagem, mediante ao enfrentamento à reprovações, evasão nos cursos e até mesmo perderem a perspectiva de vida mediante a falta de acolhida para enfrentarem essas dificuldades (UFPEL,2023).

Diante do apresentado, objetivo do presente trabalho é evidenciar as experiências das acadêmicas do oitavo semestre da Faculdade de Enfermagem da UFPEL quanto à realização de monitorias frente às dificuldades de alunos indígenas e quilombolas sob o “Projeto de Monitoria Institucional para Acompanhamento Pedagógico aos Discentes Indígenas e Quilombolas”.

### 2. METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo do tipo relato de experiência construído à partir de experiências vivenciadas por acadêmicas de Enfermagem com relação as práticas de monitoria institucional com a finalidade de apoio pedagógico frente as dificuldades dos mesmos. As atividades de monitoria foram realizadas dentro da sala de estudos do Núcleo de Ações Afirmativas e Diversidade (NUAAD) localizada na UFPEL, entre agosto e setembro de 2023.

As atividades de monitoria eram realizadas e preparadas de acordo com a necessidade do estudante, cujo o principal objetivo era subsidiar apoio pedagógico e sanar dúvidas as quais se perpetuavam entre os estudantes de distintos semestres. Durante a realização das tarefas os discentes nos relatavam diversas dificuldades que vão para além do aprendizado, as quais necessitam de acolhimento e inserção de novos meios de aprendizagem.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Durante as atividades de monitoria, foram identificadas diversas dificuldades enfrentadas pelos estudantes, entre elas a compreensão e uso da linguagem acadêmica, compreender os conteúdos e ter o domínio da informática para realizar trabalhos acadêmicos. O léxico utilizado pelos professores na sala de aula muitas das vezes dificulta o acompanhamento destes estudantes sobre o conteúdo que está sendo aplicado. Estudantes indígenas e quilombolas não possuem o domínio da linguagem acadêmica pelo fato de muitos deles não possuírem a língua portuguesa como primeira língua, pois lhes é herdado a língua de seu povo.

O Brasil possui uma variedade linguística de aproximadamente 154 línguas indígenas, formadas por grandes e pequenas famílias que variam entre si. Com isso, pode-se pontuar que a linguística não corresponde a de origem, juntamente aos preconceitos, fazem com que os estudantes acabem não realizando trocas, sejam elas com professores e ou colegas, para que os saberes sejam compartilhados e adquiridos de forma equivalente (SIMAS,2023; DE SOUZA CARNEIRO; DE MATTOS COLARES; DE SOUSA, 2021).

Os alunos também referiram a dificuldade em estabelecer vínculos com os facilitadores e coordenadores do curso, haja vista que estes não se mostram disponíveis para ajudá-los em suas demandas de acordo com suas dificuldades, pois a maioria relata que esta é decorrente da “falta de interesse sobre os estudos”. O papel do professor dentro da sala de aula vai além do conhecimento, visto que inúmeras são as vertentes que norteiam este aprendizado em meio a tantas dificuldades (DE LIMA; DE CASTRO, 2021). Mediar, acompanhar, orientar os estudantes sobre o seu autodomínio de aprendizagem é fundamental para que haja uma troca eficaz e consolidada de conhecimento. De certa forma, a negligência dos docentes para com as dificuldades dos indígenas e quilombolas retrata não só a carência de didática para com os mesmos, mas também aponta para certos preconceitos diante destes, fazendo com que a falta de tato e acolhimento resulte na desistência do curso (RIBEIRO,2020).

Para além das questões acadêmicas, os estudantes relatam sucintamente a dificuldade de locomoção, pois muitos não residem na cidade onde se localiza a faculdade, fazendo com que, para além do cansaço mental pela sobrecarga de não concluírem os trabalhos acadêmicos por conta da dificuldade de entendimento, a locomoção entre as diferentes cidades e ambientes seja um agravante. Além do mais, os estudantes também denotam a diferença de cultura em relação às prioridades do cotidiano em seus afazeres.

### **4. CONCLUSÕES**

A necessidade de enfatizar as políticas públicas já existentes para os estudantes indígenas e quilombolas na universidade pública se faz emergente, uma vez que as dificuldades desses estudantes são maiores do que a vontade de

permanecer mediante as adversidades. À medida que estratégias de educação voltadas para a permanência destes estudantes se apliquem não somente aos monitores acadêmicos, mas se faça presente dentro das salas de aula, e principalmente, à didática dos docentes.

Estudantes indígenas e quilombolas enfrentam diversas dificuldades ao adentrarem à universidade, e se torna cada vez mais necessário se ter um olhar acolhedor mediante as suas necessidades e dificuldades.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARDINO-COSTA, Joaze. Política afirmativa, democratização do acesso à universidade e propostas de avaliação: Lei de cotas teve papel central para a entrada de negros, indígenas e estudantes oriundos de escolas públicas nas universidades públicas. **Ciência e Cultura**, v. 75, n. 1, p. 01-09, 2023. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v75n1/v75n1a03.pdf>. Acesso em: 22 set. 2023.

DA SILVA, Vini Silva Rabassa; DA SILVA GUERRA, Janaina. RETENÇÃO E EVASÃO DOS (AS) ESTUDANTES INDÍGENAS E QUILOMBOLAS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS: DESAFIOS PARA AS POLÍTICAS DE PERMANÊNCIA. **Expressa Extensão**, v. 26, n. 3, p. 69-80, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/expressaextensao/article/view/21067>. Acesso em: 22 set. 2023.

DE LIMA, Jairo Gustavo; DE CASTRO, Cleber Carvalho. Fatores Críticos de Sucesso na evasão de alunos do Ensino Superior a Distância. **EaD em Foco**, v. 11, n. 1, 2021. Disponível em: <https://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/1445>. Acesso em: 21 set. 2023.

DE SOUZA CARNEIRO, Denize; DE MATTOS COLARES, Paula; DE SOUSA, Crislaine Castro. Realidade linguística de estudantes indígenas em uma universidade Amazônica. **Tellus**, p. 115-142, 2021. Disponível em: <https://tellusucdb.emnuvens.com.br/tellus/article/view/763>. Acesso em: 22 set. 2023.

PINHEIRO, Patrícia. **Acesso e permanência de estudantes quilombolas na Universidade Federal do Tocantins, Campus de Miracema**. 2022. Monografia, Universidade Federal do Tocantins. Disponível em: <http://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/3634>. Acesso em: 21 set. 2023.

RIBEIRO, Marinalva Lopes. A relação professor-estudante na educação superior. **Educação em Análise**, v. 5, n. 1, p. 185-200, 2020. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/educanalise/article/view/40326>. Acesso em: 22 set. 2023.

SIMAS, Hellen Cristina Picanço. **As línguas indígenas do Brasil: uma proposta de planejamento linguístico**. 2023. Sociologias, Porto Alegre, ano 23, n. 56, jan-abr 2021, p. 244-275. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/15174522-98065>. Acesso em: 21 set. 2023.

UNIVERSIDADE FERDERAL DE PELOTAS. **Programa de Permanência para Estudantes Indígenas e Quilombolas Regularmente Matriculados nos cursos de graduação da UFPEL**. Pelotas: Editora da UFPEL, 2023. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/scs/cocepe/resolucoes/2023-resolucoes-cocepe/>. Acesso em: 21 set. 2023.